

O Brasil transforma Braudel

Luís Corrêa Lima¹

O historiador francês Fernand Braudel, que viveu de 1902 a 1985, é um dos mais importantes historiadores do século 20. Sua obra sobre o Mediterrâneo no tempo de Felipe II é um marco na historiografia. Ele também é bastante conhecido por sua história mundial da vida material e do capitalismo dos séculos 15 a 18. A sua característica principal é a busca da longa duração, ou seja, das permanências e das realidades duradouras nos processos históricos, tanto nas relações do ser humano com o meio, quanto nas formas de vida coletiva e nas civilizações. Braudel pertenceu ao grupo da revista *Annales*, que renovou a historiografia aproximando-a das ciências sociais..

Ele esteve no Brasil nos anos de 1935 a 1937, e depois em 1947, lecionando na Universidade de São Paulo. No primeiro período, nos anos 30, na recém-fundada universidade, ele viveu um tempo de grande descoberta e transformação: um país novo de dimensões continentais e natureza tropical, uma sociedade em formação contrastando com o Velho Continente, uma paisagem e uma história que o faziam imaginar o passado distante da Europa, a amizade calorosa e efusiva dos brasileiros e um público bastante interessado e estimulante. Tudo isso impulsionou muito sua criatividade e reflexão, seu crescimento humano e intelectual.

No final de sua vida, Braudel declara: “Eu me tornei inteligente indo ao Brasil. O espetáculo que tive diante dos olhos era um tal espetáculo de história, um tal espetáculo de gentileza social que eu compreendi a vida de outra maneira. Os mais belos anos de minha vida, eu passei no Brasil”². O que ele quer dizer com “me tornei inteligente”? O próprio Braudel tem certa dificuldade em explicar: “Esse não é bem o termo, talvez algo menos comum”³, ou então, “a palavra [inteligente] é ridícula... se me tornei menos banal...”⁴. Percorrendo as suas diversas entrevistas, talvez a que melhor

explique seja esta: “Foi no Brasil que eu me tornei o que sou hoje”⁵. Estes depoimentos abrem caminho para um aspecto ainda pouco explorado de sua biografia: O que significam estes anos brasileiros na vida e no pensamento de Braudel?

A sua vinda só foi possível graças a um conjunto de circunstâncias que vale a pena recordar. Em um contexto mais amplo, havia fortes vínculos culturais entre o Brasil e a França que remontam ao século 18 e duram até meados do século 20. Idéias iluministas, positivistas e republicanas se difundem Brasil, bem como a educação católica francesa. O francês, segundo idioma dos brasileiros com escolaridade, era a porta de entrada em um caminho seguro rumo à modernidade e ao progresso verdadeiro. O conceito de América Latina, criado em meados do século 19, evoca um parentesco cultural entre o Brasil e os países de língua espanhola de seu continente. Este parentesco cultural, por sua vez, os aproxima dos países europeus de língua latina e em especial da França, então considerada líder da latinidade e país das luzes.

Muitas escolas brasileiras de nível superior seguiam o modelo francês. Ao se criar a universidade no Brasil, nos anos 30, formaram-se missões universitárias de professores franceses que aí são destinados e permanecem alguns anos. Com Braudel vieram Lévi-Strauss, o geógrafo Pierre Monbeig, o filósofo Jean Maugüe e posteriormente Roger Bastide, substituindo Lévi-Strauss. A universidade nasce com o desejo de produzir pesquisa e de aproximar os saberes. Ela pretende formar professores de ensino secundário e profissionais capazes de compreender o misterioso destino brasileiro, pessoas que atuem com eficácia na resolução dos problemas nacionais. Os conflitos ideológicos eram bastante fortes. A presença francesa correspondia ao projeto de educar a juventude paulista nos ideais democráticos, longe do fascismo.

A estada de Braudel no Brasil e as transformações ocorridas podem ser vistas em seu próprio depoimento, no de seus alunos e em diversas conferências e artigos

publicados nessa época. Este material, ainda pouco conhecido, revela o encantamento com o Novo Mundo, várias descobertas pessoais e uma progressiva aproximação com a historiografia dos *Annales*. É aí que ele “veste a camisa” da nova história, com um conjunto de intuições que irão configurar a sua obra e fazer dele um grande historiador, ao mesmo tempo original e herdeiro de Lucien Febvre. A tese de doutorado de Braudel sobre o Mediterrâneo estava em andamento. Ele já tinha começado em 1923, quando vivia na Argélia, e levaria ao todo 26 anos até publicá-la. Sua pesquisa prosseguia com visitas periódicas aos arquivos mediterrânicos. Ele juntou pilhas de textos e cópias de documentos que carregava consigo onde fosse.

No Brasil, ele se tornou “um homem totalmente diferente e, na medida em que esta experiência foi importante para mim, não creia, por exemplo, que eu teria escrito sobre o Mediterrâneo um livro diferente dos outros se eu não tivesse estado antes no Brasil; se eu não tivesse mudado, por assim dizer, totalmente. A história nova que eu defendi no *Mediterrâneo*, eu de certa maneira concebi, construí, sonhei quando estava no Brasil. É porque esta história interessou aos meus estudantes. Dizer-lhes que Richelieu nasceu em tal data ou que Corneille nasceu nesta outra, eu não digo que os deixava indiferentes, porém não os surpreendia. Mas uma história representando o conjunto das ciências humanas, esta espécie de invasão da história pela sociologia, pela geografia, pela economia, etc...isto, isto lhes apaixonava”⁶.

Aqueles anos ainda abrem para ele um novo campo de interesse: o próprio país. Viagens pelo Brasil, conversas, pesquisas e leituras alimentam a sua reflexão. Ele passa a conhecer as obras de Gilberto Freyre, Euclides da Cunha, Capistrano de Abreu, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Jr., Jorge Amado, Monteiro Lobato e Paulo Prado. A universidade francesa fazia a exigência de uma tese secundária, onde o material da tese principal era utilizado novamente para outro trabalho de menor tamanho. O tema escolhido por Braudel é o Brasil do século 16, sobre o qual decide escrever um ensaio.

Ele retorna à França no final de 1937 e se torna professor auxiliar na Sorbonne. Dois anos depois, eclode a Segunda Guerra Mundial e os oficiais da reserva franceses são convocados. Braudel estava entre eles e é destinado à Linha Maginot, uma extensa fortaleza militar subterrânea na fronteira com a Alemanha. O exército alemão contornou aquela fronteira, invadiu um país neutro, a Bélgica, e por fim invadiu a França. Os soldados franceses foram feitos prisioneiros. Braudel permanece no cativeiro por quase toda a guerra.

A prisão em ficou, no entanto, não era um campo de concentração. Era um *Oflag (Offizierlager)*, um campo de oficiais. Pela Convenção de Genebra, os oficiais não podiam fazer trabalhos forçados e podiam manter correspondência e ter acesso a livros. Braudel na prisão acaba trabalhando em seu próprio ofício de historiador: lendo, escrevendo e ensinando. Ele retoma o *Mediterrâneo* e reescreve todo o livro. Prossegue a leitura de Gilberto Freyre, faz uma grande resenha de sua obra e a envia pelo correio a L. Febvre, em Paris. Este será o seu primeiro artigo publicado nos *Annales*. A tese secundária sobre o Brasil também é retomada.

O trabalho intelectual de Braudel na prisão nazista foi sua resposta existencial à angústia vivida com a derrota da França, com a incerteza da própria sobrevivência e com o destino trágico e incerto da Europa: “Todos aqueles acontecimentos despejados sobre nós pela rádio e pelos jornais de nossos inimigos, ou mesmo as notícias de Londres, que as rádios clandestinas nos transmitiam, eu tinha de superar, de rejeitar, de negar. Abaixo o acontecimento, sobretudo o acontecimento contrariante! Eu precisava acreditar que a história e o destino se escreviam em muito maior profundidade. Escolher o observatório do tempo longo era escolher, como um refúgio, a própria posição de Deus Pai. Bem longe de nossas pessoas e de nossos infortúnios cotidianos, a história era escrita, rodava lentamente, tão lentamente quanto essa vida antiga do Mediterrâneo, cuja serenidade e como que a majestosa imobilidade eu sentira com tanta frequência”⁷.

A “História com ‘h’ maiúsculo” era muito maior do que aqueles acontecimentos sinistros do presente. Em um horizonte mais amplo, enxergando os movimentos profundos e duradouros da história, tudo aquilo seria superado e Hitler seria derrotado. Braudel mergulha no século de Felipe II, não só na serenidade mediterrânica, mas também na imensidão tropical brasileira e nas suas conexões atlânticas. Ele se torna ao mesmo tempo mediterraneanista e brasilianista. Braudel na Segunda Guerra Mundial representou o drama de uma Europa arruinada, vivido na pele de um prisioneiro que sonhava com a derrota dos nacionalismos enlouquecidos e com a derrota dos ditadores. Este sonho, acalentado em um cotidiano angustiante, nutriu-se avidamente de um passado distante no século 16, onde a história rodava lentamente.

Depois da guerra, sua tese é concluída e defendida na Sorbonne, consagrando-o como um expoente da nova história. A tese secundária, ainda inconclusa, é substituída por dois extensos artigos que Braudel havia publicado antes sobre os espanhóis na África do Norte. Os seus estudos passam a ter novos rumos e prioridades. O *Ensaio sobre o Brasil* não foi retomado e nem publicado. Nos anos 80, Braudel fez referência a uma “história do Brasil” que ele nunca publicou, apesar da insistência de seus amigos brasileiros. Ficou a curiosidade, principalmente do público brasileiro, sobre o seu conteúdo e sobre o que ela pode revelar do país e do próprio Braudel. Bem depois de sua morte, em 2002, foi possível ter acesso restrito ao texto, e depois analisá-lo e organizá-lo.

Há um brasilianismo fecundo e interessante, na linha da nova história, porém inacabado. A viagem mental pelo passado brasileiro foi guiada por grandes autores capazes de captar a realidade, “a cor e o perfume dos seres e das coisas”. Nos diferentes brasis, há uma mesma vida, um passado profundo, configurando a sociedade colonial. Braudel se encantou com a obra de Gilberto Freyre, onde o Recife lhe ensinou algo do país inteiro. O caminho da nova história dos *Annales* era precisamente este, a apreensão do todo: os movimentos profundos da vida dos homens, as formas amplas da vida coletiva, as “arquiteturas sociais” e as civilizações,

bem como as conexões entre os diversos mundos. Tudo isto sem desdenhar a aventura individual do espírito, o que cada pessoa sempre tem de insubstituível.

Na historiografia de Braudel, certas realidades coletivas ou inanimadas atuam de modo coerente como se fossem um sujeito. Elas se tornam “personagens”. Isto se dá com o povo alemão, mais importante do que Bismarck, com o Mar Mediterrâneo e com o Brasil, na sua imensidão esmagadora e nos seus fatores geográficos. Braudel escolheu uma perspectiva bem definida para focalizar o Brasil: uma Europa americana, a única Europa tropical e subtropical em todo o mundo com certa envergadura. Esta perspectiva lançou luzes sobre o passado brasileiro e captou a riqueza da história atlântica, imprescindível para a compreensão do país, porém cedeu em parte a um etnocentrismo inaceitável. Não lhe faltou, entretanto, a humildade e a grandeza de reconhecer que a história brasileira, como toda a história, é vida e não se deixa aprisionar em uma fórmula.

Logo após a Segunda Guerra, Braudel passa a integrar a equipe dos *Annales* e dá aulas na Sorbonne. Ele é encarregado de preparar candidatos ao ensino fundamental e médio para a prova final, o exame de agregação. Pedem-lhe cursos sobre a América Latina, aproveitando os seus anos vividos no Brasil e a boa recepção de seu artigo sobre Gilberto Freyre. Seu conhecimento atualizado, estilo atraente e espírito inovador conquistaram grandes talentos como Marc Ferro, Jean Delumeau, Pierre Chaunu e Frederic Mauro. Braudel constituiu uma vasta biblioteca sobre a América Latina, orientou pesquisas e preparou um número especial dos *Annales* sobre o tema, publicado em 1948. Antes de se tornar conhecido na França pelo *Mediterrâneo*, Braudel o foi por seus estudos sobre o Brasil e sobre a América Latina.

Alguns professores da missão francesa dos anos 30 fizeram importantes estudos no Brasil que deram grande impulso às suas respectivas carreiras. Lévi-Strauss pesquisou os ñambiquaras; Roger Bastide, as religiões negras; Pierre Monbeig, as zonas pioneiras. Segundo Maugüe, seus colegas, “partindo para o Brasil, prepararam-se o melhor possível para retornar à França. Eles tinham o *fabuloso metal*.

O único dentre nós que não precisava fazer sua *fortuna* na universidade era Fernand Braudel. Discípulo preferido do historiador Lucien Febvre, sua tese sobre o Mediterrâneo no tempo de Felipe II já estava bastante avançada⁸. Ao contrário do que diz Maugüé, também Braudel garimpou o “fabuloso metal” no Brasil e fez sua “fortuna”.

A atitude fundamental do historiador, para Braudel, é conservar um coração de criança, com a possibilidade de se surpreender com a vida, com o passado e enxergá-lo como uma criança enxerga as primeiras imagens que chegam aos seus olhos. Este coração de criança, aberto, simples e generoso, ele encontrou em seu discípulo e amigo brasileiro Eurípedes Simões de Paula⁹. Eurípedes depois se tornou diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, onde o historiador francês lecionou.

O Brasil foi para Braudel um desenraizamento enriquecedor, de quem com espírito aberto se depara com um mundo diferente e sua múltipla riqueza. Os vínculos dele com o país nos anos 30 e 40 muito manifestam a respeito de ambos. Bem observou Lucien Febvre que seu discípulo se transformou muito mais com o Brasil do que com o Mediterrâneo¹⁰. Algumas vezes, ao falar da transformação que viveu, Braudel acrescentou sorrindo: “Talvez foi porque lá é que eu aprendi a ser feliz”¹¹.

¹Doutor em história pela UnB e professor da PUC-RJ.

²Une Leçon d'histoire de Fernand Braudel – Châteauevallon / octobre 1985, Paris, Arthaud, 1986, 203.

²BRAUDEL, F., entrevista a Reali Júnior, “USP, lembranças do início, por um de seus mestres: Fernand Braudel”, *Jornal da tarde*, 28/1/1984.

⁴BRAUDEL, F., “Primeiras histórias - USP, 50 anos: lembranças de um pioneiro francês”, entrevista a Rosa Freire d’Aguilar, *Isto é* (1/2/1984) 38-39. Os colchetes não são do original.

⁵BRAUDEL, F., “Une vie pour l’histoire”, entrevista a F. Ewald e J.-J. Brochier, *Magazine littéraire* 212 (1984) 18.

⁶BRAUDEL, F., entrevista a Marcello Tassara (Paris, 1984), MIDIALAB, ECA-USP.

⁷BRAUDEL, F., *Reflexões sobre a história*, São Paulo, Martins Fontes, 1992, 10.

⁸MAUGÜÉ, *Les dents agacées*, Paris, Buchet Chastel, 1982, 93-94.

⁹BRAUDEL, F., entrevista a Marcello Tassara, o.c.

¹⁰BRAUDEL, F., entrevista a Reali Jr, o.c.

¹¹GEMELLI, Giuliana, *Fernand Braudel*, Paris, Odile Jacob, 1995, 61.